

PENTECOSTALISMO: A LIBERDADE DO ESPÍRITO

O “pentecostalismo” constitui hoje importante componente do universo religioso cristão no Brasil. Trata-se de realidade complexa em que se aproximam e interpenetram diversos elementos de expressão religiosa e de fé tanto de não católicos como de católicos. O contato com diversos dados e análises a partir de diferentes ângulos – antropológico, sociológico e teológico – proporciona uma visão desse fenômeno e oferece base para adequado posicionamento teológico, ecumênico e eclesial. Esclarecer, enquanto possível, o significado e o alcance da experiência pentecostal é tanto mais necessário quanto mais se amplia e se torna mais complexo esse campo. Sinal de tal complexidade é a distinção que atualmente fazem estudiosos do assunto diferenciando pentecostalismo e neopentecostalismo. De certa maneira se reconhece a existência de mais de uma forma de manifestação religiosa através de grupos que invocam a ação do Espírito Santo. Daí poder-se falar também no plural, “pentecostalismos”.

Do ponto de vista histórico, o pentecostalismo em nosso País inicia-se no alvorecer do século XX. Em 1910, chega a São Paulo a primeira Igreja pentecostal em terras brasileiras. No Bairro do Brás, na capital paulista, instala-se então a Igreja Congregação Cristã do Brasil, que posteriormente passou a se chamar Congregação Cristã no Brasil. Realizou essa iniciativa Luigi Francescon, de origem italiana, mas que procedia dos Estados Unidos da América. Celebramos, portanto, em 2010, o primeiro centenário da presença pentecostal em nosso País. A segunda Igreja a se estabelecer foi a Assembleia de Deus, em Belém do Pará, sendo fundada pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, suecos, mas também provenientes dos EUA. Assim se plantaram as sementes do pentecostalismo em dois locais que, por coincidência ou não, se tornaram pontos importantes para a sua difusão, conforme mostram estudos históricos. Observe-se também que nos dois lugares onde foram fundadas essas Igrejas já havia a presença protestante. Em São Paulo havia a Igreja Presbiteriana e em Belém, a Igreja Batista. Desta originou-se a Assembleia de Deus.

As raízes do pentecostalismo encontram-se no protestantismo. Na verdade, atribui-se sua criação a John Wesley, fundador da Igreja Metodista. No entanto, concretamente, o ponto de partida do movimento deu-se na Igreja Metodista da Rua Azzuza, em Los Angeles, EUA. Os frequentadores desse templo, que eram majoritariamente negros, buscavam a “santificação pelo Espírito”, recorrendo para tanto a longas orações. Entre eles, um negro e não um branco apareceu, em dado momento, falando em “línguas estranhas”. Houve então uma divisão entre os evangélicos de raça branca e os de raça negra. Desde então, os negros já não tinham mais acesso às reuniões e cultos. Ficavam fora do templo e aproveitavam “as migalhas” que caíam da mesa dos brancos. São literalmente “pro-fanos” em relação aos que impedem que participem nas liturgias realizadas no interior do templo. Finalmente, os marginalizados começam a realizar os próprios cultos e a ensinar os irmãos. É-lhes “professor” o próprio Espírito Santo, confirmando-se assim a sua livre ação.

Do ponto de vista da relação com as questões da sociedade, os negros se situavam no horizonte de busca de libertação da raça. Já os brancos afastavam-se das lutas sociais e se aferravam à experiência religiosa. Os fundadores das duas Igrejas acima mencionadas provinham do grupo dos brancos.

O fato acima mencionado e outros tantos exemplos de ação do Espírito Santo nos mostram que o pentecostalismo constitui afirmação histórica da liberdade do Espírito, que suscita o surgimento de novos discípulos que agem profeticamente. Caracteriza-se pela efusão do Espírito Santo, por intermédio do “batismo no Espírito”. Já no Antigo Testamento fora feita a promessa do derramamento da força de Deus “sobre todos os viventes” e eles “falarão como profetas”. Até os escravos serão contemplados com o dom do espírito (cf. Jl 3,1-2). O Novo Testamento relata o envio do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se” (At 2,4). O surgimento de comunidades eclesiais pentecostais nos remete, portanto, ao caráter livre, gratuito e surpreendente da iniciativa de Deus que age por meio de seu Espírito. Fala-nos também o aspecto missionário e apostólico original do cristianismo, que se revelou no acontecimento de Pentecostes conforme relatam os Atos dos Apóstolos (cf. At 2,1-12). A efusão do Espírito se atualiza ao longo da história, gerando “novos pentecostes”. O fato pentecostal por excelência, portanto, está na origem do Cristianismo. Assim como conduziu Jesus em seu ministério entre nós, o Espírito vai à frente de todo aquele que se torna discípulo de Jesus, para continuar a missão do Mestre.

Considerando o desenvolvimento desse movimento e as múltiplas práticas pentecostais efetuadas através das Igrejas, observam-se diferentes fatores que constituem o “rosto pentecostal”. Ressaltamos primeiramente aspectos

não construtivos em relação à verdadeira fé cristã e ao seguimento de Jesus. O pentecostalismo faz leitura bíblica bastante pontual e seletiva de textos bíblicos, conforme os interesses imediatos de quem prega ou dos ouvintes; procuram-se forças para soluções urgentes de problemas pessoais, familiares; buscam-se saídas mágicas para dificuldades de ordem amorosa, financeira, conjugal e angústias diversas. Utiliza-se de textos dos evangelhos e dos Atos dos Apóstolos que mostram o poder taumatúrgico de Jesus; invoca o nome do “Senhor Jesus” para operar curas, expulsar demônios e ressuscitar os mortos (cf. At 3,1-10; 5,12-16; Mt 8,1-4; Mc 2,29-34; Lc 5,17-26). Dá-se ênfase ao moralismo que aparece ligado à ideia do mal e do castigo. A Bíblia é, pois, enquanto tal, portadora de um poder imanente, seus textos detêm autoridade transcendente que transforma a vida das pessoas. Tomam espaço nova linguagem religiosa, e a autoridade religiosa pela invocação de símbolos de poder. Um traço por demais importante é o rigor na exigência do dízimo que os fiéis devem dar.

Se, em suas origens, está a busca de santidade e da libertação social, o pentecostalismo que conhecemos no contexto brasileiro, particularmente o neopentecostalismo, acentua o poder de Jesus para solucionar dificuldades pontuais imediatas. São exemplos as práticas da Igreja Universal do Reino de Deus, do Evangelho Quadrangular, da Deus é Amor, entre outras. A linguagem aí usada tem poder performativo, de modo que o pastor, fazendo uso da palavra de Deus e de sua própria palavra, aparece como alguém que tem o poder de curar. Prova-se tal capacidade performativa utilizando-se textos como: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto” (Lc 11,9). Fator muito forte no meio neopentecostal é a ideia de prosperidade, o que tem gerado dissidências nas Igrejas e conseqüentemente a sua multiplicação. Veicula-se a teologia da “prosperidade”. Isto que leva os pastores não só a convencer os adeptos a fazerem doações de quantias financeiras, mas também a extorquir, com certa violência psicológica, recursos de frequentadores de seus templos. Quase sempre os que são atingidos pelas investidas de obreiros de determinadas Igrejas são pessoas pobres e em situação de vulnerabilidade por causas que vão desde desilusões existenciais ao luto e à situação de insolvência financeira.

Outro aspecto significativo do pentecostalismo de modo geral, incluindo-se aqui a vertente católica, é a relativização da instituição. Dispensa-se a autoridade tradicional, que aparecia mais burocrática e formal que pessoal. Passa-se a valorizar a relação pessoal direta. Cria-se certo personalismo, deixando-se de lado a instituição, que aparece como algo do passado e portador de imposições. A relação passa a ser determinada não mais pelo institucional, mas pela ênfase na pessoa. De fato, “estamos vivendo uma mudança que consiste em que a relação institucional está sendo substituída pela relação pessoal” (J.M. CASTILLO, La ética de Cristo, Bilbao: Desclee De Brouwer, 2005, p. 23). Neste sentido, o batismo não é mais rito de pertença a determinada Igreja, mas assinala o relacionamento com uma

peessoa, seja o pastor ou outro membro influente nas atividades da Igreja, comunidade ou grupo. Isso é frequente, sobretudo em se tratando do “batismo no Espírito”.

Os ministérios se tornam algo personalista. Por isso fala-se em ministério de tal pastor ou mesmo de ministério coordenado por responsável tal. Com isso configura-se nítido traço de elementos teológicos que se contrapõem. Isso se verifica em vários núcleos da doutrina cristã. Constata-se uma antropologia forte e uma teologia fraca. Exige-se de Deus que satisfaça à vontade humana de acordo com o que se lhe apresenta na oração, pois se prega que “Deus é fiel”. Uma cristologia fraca e uma pneumatologia forte. Cristo é posto a serviço do movimento promovido por determinado ministro, grupo ou Igreja, porque estão sob o poder do Espírito. Tal afirmação do indivíduo acaba levando à criação de novas “igrejas” a partir de iniciativas meramente individuais. Neste caso já não há, pelo menos com fundamentos claros, a presença de elementos cristológicos, pneumatológicos e eclesiológicos. Há desequilíbrio teológico e, porque não dizer, a teologia em seu sentido próprio está ausente.

Em decorrência dos vários elementos negativos acima considerados forma-se posição antievangélica e antipentecostal, pois o Espírito é, por antonomásia, presença e força geradora de unidade (cf. Ef 4,4-5; Gl 3,27-28). No neopentecostalismo, trata-se antes do corporativismo, que significa fechamento aos outros em vista de interesses grupais. Cada instituição ou iniciativa que se organiza traz, como que intrinsecamente, a autodefesa, o isolamento com relação às outras Igrejas, o sectarismo. Mina-se assim toda e qualquer possibilidade de aproximação e diálogo. Não existe nesse horizonte a perspectiva ecumênica. Ecumenismo para muitas lideranças soa como proselitismo ou cooptação. Ainda no sentido corporativista se verifica tendência de autoafirmação também no campo político. Entre os integrantes do atual Congresso Nacional brasileiro, vários representam interesses corporativistas evangélicos.

O pentecostalismo se verifica também no interior da Igreja Católica. Sete décadas depois de o pentecostalismo evangélico instaurar-se no Brasil, chega a vez da Renovação Carismática Católica, em 1976. Portanto, a Renovação, como corriqueiramente é chamada, constitui a versão católica do pentecostalismo. Nos primeiros anos, sobretudo, houve sérios desencontros entre o movimento e várias Igrejas Particulares. Essa problemática foi tema de discussão na 32ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1994. Posteriormente, o tema foi retomado em diálogo com a Comissão Nacional da RCC e com “Bispos e padres a ela mais ligados”. Desenvolveu-se processo de reflexão sobre o assunto que resultou na publicação do documento Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica (1994). As orientações visam a salvaguardar a unidade da ação pastoral da Igreja no Brasil, evitando o paralelismo eclesial, e a orientar a

atuação da RCC em vista da correção de certas posições pessoais e práticas no interior dos “grupos de oração”. O documento apresenta os fundamentos bíblico-teológicos da atuação do “Espírito Santo no mistério e na vida da Igreja”. Afirma que “ele continua renovando a Igreja através de múltiplas e novas expressões de fé e coerência cristã” (n. 15). As orientações incidem sobre aspectos relativos às Igrejas Particulares, leitura e interpretação da Bíblia, liturgia, dimensões de vivência da fé e questões particulares. O documento dos Bispos é expressão de solicitude pastoral por toda a Igreja. Concluem o texto afirmando: “Seja este um ponto de partida para uma nova e mais fecunda etapa em que a RCC há de buscar sua maior integração nas Igrejas Particulares, em conformidade com as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil” (n. 70).

A Renovação Carismática emerge na Igreja Católica como força. Atualmente ela está presente em praticamente todas as dioceses do País. Conta com boa estrutura de organização interna. Atinge muitos católicos por meio de atividades permanentes e é capaz de realizar eventos que atraem multidões de jovens e adultos. Em virtude do protagonismo de algumas lideranças, inclusive de membros da hierarquia, ocorre, em alguns casos, o que se pode chamar de “cisma branco”, isto é, o movimento dispensa-se de normas eclesiais, seguindo orientações e organização próprias; há dissidência silenciosa, que representa uma tomada de posição contrária a regras morais.

Mas o pentecostalismo ou sua forma mais moderna, o neopentecostalismo, não são apenas negatividade. Eles têm contribuído positivamente para a vida de muitas pessoas, bem como para a recuperação de alguns aspectos importantes do compromisso batismal. Não se pode contestar que vários membros de Igrejas pentecostais se sentem dignificados pela oportunidade de se manifestar em público, de prestar testemunho de alguma transformação acontecida em sua vida. Pessoas presas ao vício do alcoolismo ou de outra forma de escravidão são estimuladas a afastar-se de tais prisões. Isso repercute na vida familiar e nas condições financeiras, promovendo sensível mudança de vida. Os pobres que são acolhidos experimentam certa emancipação. Em muitos casos, dá-se oportunidade para o exercício do poder laico, ou seja, os leigos têm mais espaço para a expressão de fé por meio de efetivo engajamento em ministérios específicos. O contato com a Bíblia e o fato de lê-la e falar a partir dela garante aos evangélicos certa liberdade da tutela da hierarquia já que muitos deles vêm da Igreja Católica. Aspecto simbólico significativo é o traje. O vestir-se com dignidade diferencia tanto o pastor como as mulheres pentecostais de outras pessoas, o que os leva a sentir-se formando um grupo que se distingue de outros grupos religiosos e dos demais membros da sociedade.

No pentecostalismo católico consideramos como aspecto importante para a vida da Igreja, a maior presença de católicos em ambientes da sociedade

não contemplados pela forma de atuação tradicional da Igreja. Tendo coordenação acessível e próxima, os pentecostais católicos experimentam liberdade em organizar as suas atividades e expressar as suas propostas. O fato de ter uma organização que independe da estrutura das dioceses e paróquias garante à RCC condições para desenvolver seus projetos livre do autoritarismo clerical. A capacidade de uso de modernos meios de comunicação e da música como instrumentos de evangelização, bem como a utilização de cantos litúrgicos atraentes, tornam os encontros públicos e as liturgias dinâmicos e alegres.

Por ser, em último termo, movimento que envolve atores e fatores diferenciados, o pentecostalismo apresenta-se rico em diversidade de experiências e com nuances que exigem exaustivo estudo e permanente e ampla análise. Sendo realidade que conta com a livre ação e presença do Espírito e o engajamento humano influenciado por circunstâncias e interesses, traz a marca do mistério transcendente e a ambiguidade da limitação do ser humano. Por isso, o povo de Deus, especialmente teólogos, pastores e ministros hão de agir com prudência e discernimento, a fim de não pretender pôr-se no lugar do Espírito.

São João na primeira Carta nos dá o critério fundamental para averiguação da origem das iniciativas e manifestações religiosas. Temos que discernir o que realmente provém do Espírito de Deus e o que tem outra origem. “Nisto reconhecereis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo” (1Jo 4,2-3). Ou seja, a revelação de Deus em Jesus de Nazaré é a referência primeira da fé cristã e a referência para avaliar os fenômenos atribuídos ao Espírito.

A confissão de Jesus e o conseqüente reconhecimento da ação do Espírito implicam a participação de todos os envolvidos na tarefa de refletir sobre a fé cristã e os responsáveis por organizar a ação eclesial. Requer ainda a participação das comunidades das diversas Igrejas no diálogo e mútuo enriquecimento. Deste modo, o pentecostalismo por si mesmo lança às Igrejas, ao povo de Deus, o desafio do testemunho de Jesus e seu evangelho sem perder de vista o compromisso com a defesa da vida humana e do Planeta e a unidade da fé em Cristo.